

05-05-2023

OS PADRES DA MINHA ALDEIA

Alisson Azevedo

[Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás]

Na cidadezinha em que morei até os sete anos, fui por uns tempos vizinho de um homenzinho franzino, baixo, de fala arrastada e sotaque estrangeiro. Ele gostava de conversar, tinha paciência e, como eu perguntava “mais do que filho de padre”, diziam os impacientes, ficamos amigos. Logo descobri que meu bom vizinho era o chefe dos padres. Por essa época comecei a frequentar as missas e a ouvir, além das ave-marias e credos de praxe, palavras como povo, comunidade, comunhão, comum, comunista. A bem da verdade, comunista eu não ouvia durante a missa, mas antes ou depois dela, e sobre o meu vizinho.

A década era de 1980, já nos estertores, o comunismo oficial também agonizava, mas o bispo Dom Pedro Casaldáliga ainda empunhava foice, martelo e língua, esta última afiadíssima, contra os poderosos do lugar. E boa parte desses “poderosos”, ao menos a parte decadente, eram meus parentes, cujo esporte predileto era maldizer o clero local. Por causa de uma antiga e encarniçada “briga dos padres”, a prelazia de São Félix do Araguaia (MT) privou minha família - e algumas outras legítimas representantes dos poderosos do lugar - dos sacramentos da Santa Madre. Este cronista, por exemplo, nem é fruto de núpcias sacramentadas pela Igreja, tampouco recebeu em sua aldeia a água benta da pia batismal. (Por sorte havia na capital um padre mais indulgente, que me livrou de morrer pagão.) Mas os poderosos do lugar não livraram os padres daquela prelazia e seus seguidores mais fiéis dos horrores dos Anos de Chumbo. No fim da década de 1960, uma parcela progressista da Igreja fixou residência num lugar aonde o Estado ia pouco. Cercada por latifúndios, aldeias indígenas e pequenas posses, a minúscula São Félix do Araguaia não era propriamente uma cidade pacata. À revelia da lei ou da Justiça, ali matavam-se peões, desvalidos de toda sorte, mas principalmente índios e posseiros. O poder local era despótico, nada esclarecido, praticante da grilagem de terras e transigente com a barbárie.

Os recém-chegados padres eram cultos, corajosos, inimigos da grande propriedade privada e da exploração do trabalho, e amigos de toda a gente que os generais-presidentes haviam acabado de declarar suspeita: Marx, Che, Gregório Bezerra, Francisco Julião. Além de cultivarem uma visão à esquerda na política, davam contornos, digamos, libertários à religião – professavam a Teologia da Libertação.

Logo os “padres vermelhos” tomaram o controle do ensino local e arremeteram entre seus alunos muitos fiéis-militantes de uma um tanto paradoxal Igreja libertária. Diferentemente do que suspeitava a paranoia da ditadura militar e seus asseclas, não chegou a haver, por parte daquela subversiva prelazia, qualquer ação ou movimento revolucionário armado, a não ser a solidária e voluntarista colaboração com organizações clandestinas de esquerda. Mas o delírio oportunista do “ouro de Roma” financiando o comunismo, o destemor do bispo Dom Pedro e de seus jovens clérigos, e a vontade dos poderosos do lugar de agradar os militares, tudo isso precipitou uma guerra em que só um dos lados estava armado, e não era o dos padres.

Quando os militares chegaram, já sabiam de antemão aonde ir e a quem procurar. Antes de baixarem, de avião da FAB, haviam enviado à cidade, mais exatamente à escola e à igreja, um oficial disfarçado de mendigo para espionar o clero local.

“Os padres apanharam demais!”, cresci ouvindo minha avó lamentar, tocada pela injustiça, enquanto contava, sempre em voz baixa, o que sabia da “grossa pancadaria” - naquela época a vizinha do bispo era ela. Que os militares chegaram à noite, que invadiram a casa dos padres, que os espancaram, que os humilharam, que os aviltaram, que os arruinaram.

E que no outro dia não havia mais escola, não havia mais flores (os padres e minha avó trocavam flores), que havia menos (e diminuídos) padres, mas que havia missa. E depois disso houve muitas missas, quase sempre sob ameaça. Algumas históricas e artísticas, como a Missa dos Quilombos, com Dom Pedro Casaldáliga, Dom Hélder Câmara e Milton Nascimento; outras anônimas e desprezíveis, como as da minha infância.

Mas em todas elas quem estava no púlpito era aquele homenzinho franzino, de fala arrastada e cabeça alta, a quem nós, seus amigos, chamávamos simplesmente de Pedro. O bispo Dom Pedro Casaldáliga passou a vida a pregar contra os desmandos dos poderosos de todos os lugares, e a professar uma singular fé católica da qual o papa Francisco parece ser um discreto devoto.

Quando vejo na TV alguns sacerdotes-celebridades renegando o Cristo dos pobres, fico pensando que os padres da minha aldeia é que eram universais.

Mas também me pergunto, com ar circunspecto, filosófico mesmo, se cultivar uma utopia em tempos bárbaros não será coisa de santos ou de loucos.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.